

"A Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938: Memória e Presença"

Carlos Sandroni

(Núcleo de Etnomusicologia da Universidade Federal de Pernambuco)

A Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938 foi um projeto concebido por Mário de Andrade e por ele viabilizado, no período em que esteve à frente do Departamento de Cultura do município de São Paulo. Ela percorreu durante cinco meses os estados de Pernambuco, Paraíba, Maranhão e Pará, obtendo farta documentação, objetos, fotografias, filmes, e sobretudo 33 horas de música, gravada diretamente nas localidades por onde passava. Este acervo foi tombado em 2005 pelo Iphan, e hoje se encontra disponível para consulta no Centro Cultural São Paulo. Uma vistosa caixa contendo 6 CDs de gravações originais da Missão acaba de ser lançada pelo Sesc-SP, em parceria com a Prefeitura da cidade.

Desde 1997, quando passei a residir em Recife, tenho visitado lugares por onde a Missão andou.

Nestas visitas, é possível perceber que muitas das manifestações culturais registradas em 1938 continuam existindo, com maior ou menor grau de modificação. Outras desapareceram; outras ainda, hoje existem apenas como memória, o que também pode ser significativo. Por exemplo: em 1997 estive na pequena cidade de Tacaratu, no sertão de Pernambuco, onde a Missão gravara cocos, gênero musical-coreográfico muito difundido no Nordeste. Pude saber então que não se dançava mais cocos dentro da cidade, mas que lá ainda moravam filhos dos "informantes" da Missão. Encontrei o sr. Domingos Cunha, filho de Raimundo Cunha, que cantara para a Missão, e tive ocasião de mostrar-lhe uma fita com a voz de seu pai. Sua reação foi além da emoção que seria previsível: Domingos Cunha não se conteve e ao som do gravador, pôs-se a dançar o coco.

Esta experiência sugere questões sobre a relação entre o patrimônio que se guarda em instituições culturais, sob forma de registros escritos, visuais e sonoros, e o patrimônio imaterial propriamente dito. Este diz respeito a saberes, formas de expressão e modos de fazer que só podem ser "guardados" - se é que a palavra se aplica - nas mentes e nos corpos dos seus detentores.

Há uma visão muito disseminada segundo a qual expedições como a de 1938 se destinam a salvar do esquecimento práticas culturais em vias de extinção. Esta idéia se justifica em alguns casos, como o dos cantos de carregadores de piano, que a equipe enviada por Mário de Andrade gravou em Recife, e que desde então desapareceram, junto com a profissão correspondente. Mas em outros casos as práticas musicais continuaram seguindo seu caminho, à revelia do registro oficial. Isto gerou o que alguns etnomusicólogos chamam de "esquizofonia": a separação entre os sons gravados, que ganham uma espécie de "vida própria" nos acervos das instituições culturais, e os sons inseridos na vida social, e que continuam se perpetuando e se transformando junto com ela.

Esta esquizofonia, se em doses moderadas, pode ter aspectos positivos, na medida em que parece ser condição do processo de patrimonialização e de disseminação de gêneros musicais no âmbito nacional. Mas pode ter aspectos negativos também, na proporção inversa do contato entre as instituições responsáveis pelos acervos gerados em pesquisas de campo, e as pessoas, famílias e grupos que deram origem às gravações.

Em 1938 e nas décadas seguintes, a esquizofonia era acentuada pela dificuldade em estabelecer um feed-back constante entre pesquisadores paulistas e músicos tradicionais do Nordeste. Atualmente, no entanto, as universidades da região contam com estruturas de

pesquisa capazes de minorar tais dificuldades. O Núcleo de Etnomusicologia da UFPE, por mim coordenado, vem trabalhando neste sentido com o acervo da Missão, sobretudo em Recife, Tacaratu e Arcoverde.